



# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação  
**Fazenda da Cachoeira**

código  
**AIII- F18 - Val**

localização  
**Rodovia RJ-137, Santa Isabel do Rio Preto, 6º distrito de Valença**

município  
**Valença**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**pecuária / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



Fachada principal da Fazenda da Cachoeira

coordenador / data **Sônia Rachid – jan 2009**  
equipe **José Roberto Mendes e Marcos Vinicius Silva Gomes**  
histórico **Adriano Novaes**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**



situação



ambiência

Percorrendo a RJ-137, a partir de Conservatória (6º distrito de Valença), no sentido Santa Isabel do Rio Preto (3º distrito de Valença), segue-se por 16,6 km até a sede da fazenda, em estrada de terra, de difícil trânsito. A estrada contorna as terras da fazenda, podendo ser avistada a sede entre arvoredos e extenso vale (f01), com morros cobertos por pastagem e área de mata. A casa-sede, situada sobre um platô, está assente sobre murada de pedra, tendo uma vasta planície verdejante à sua volta, e traduzindo uma situação privilegiada, como centro de todo um complexo de edificações rurais, voltados para a pecuária (f02). Na entrada, um muro com pingadeiras em capa e bica é guarnecido por um portão em ferro ladeado por dois pilares almofadados, tendo ao lado direito painel azulejado, onde se lê o nome da fazenda (f03).



01



02



03

Ultrapassando-se este, um caminho em pé-de-moleque nos leva ao portão que se abre para o jardim (f04), com frondosas árvores de flamboyant, paineira, espatódea, abacateiro, mangueiras, ameixeiras, jaqueiras e palmeiras, além de um gramado alteado, com arrimo de mureta de pedra. Este espaço arborizado possui um chafariz em bloco único de pedra, talhada em formato circular contando, próximo, com vestígios do piso de um antigo coreto (f05). À direita, quase que formando uma unidade (f06), o bloco anexo com a varanda de lazer e serviços (f07), garagem, capela e um conjunto de altos *Pinus elliottii*, criando uma barreira visual para os passantes da estrada, com o córrego Cachoeirinha contornando a fazenda.

Junto à entrada do jardim, um caminho ensaibrado acessa as construções rurais e o grande e largo gramado, possível lugar dos antigos terreiros de secagem de café. A região é rica em nascentes, com as águas correndo fartamente pela propriedade, o que se traduz numa grande quantidade de aves. Uma murada de simples de pedra veste a lateral da propriedade, sendo interrompida pela escada em pedra lavrada que vence o alto desnível do porão, para chegar até a calçada frontal (f08), configurando-se como um acesso importante, pois é a via que liga a área doméstica à área da produção, onde todos transitam.

As imponentes fachadas, lateral e de fundos são contornadas por murada de pedra com sebe de arbustos, que impede a visão do espaço doméstico (f09), além do pomar e da piscina. Esse ângulo da fazenda se destaca na paisagem, podendo a edificação ser admirada da estrada, de uma forma panorâmica.



04



05



06



07



08



09

A casa está assentada sobre embasamento em pedra, revelando uma sólida e robusta estrutura, apresentando na fachada principal a conformação de uma casa térrea sobre porão baixo. Entretanto, o grande desnível do terreno traduz a leitura de um porão habitável – que na realidade é em parte aterrado – com pequena área de vão livre transitável e ventilação feita por seteiras horizontais, que contornam toda a construção (f10).

A construção apresenta gaiola estrutural em madeira – pilares, barrotes, vigas e madres –, com fechamento estrutural em pau-a-pique, com as paredes caiadas de branco, e as esquadrias e cimalhas pintadas em azul Del’Rei.

Prevalece em todo o casarão o ritmo e a simetria das esquadrias de verga e sobreverga retas em madeira vedadas, externamente, por duas folhas em veneziana e, internamente, por guilhotinas brancas com caixilho de vidro que antecedem duas folhas cegas, formatando um conjunto pouco comum. O bloco de serviços quebra essa esquematização, sendo, porém, o arranjo resultante mais próximo ao usual, com janelas de guilhotina externamente e folhas cegas no interior (f11).



10



11

Na fachada frontal o segmento de dez janelas é interrompido pela portada excêntrica (f12), com o interior da edificação tendo acesso por escada em pedra de dois lances opostos, com pequeno patamar de chegada (f13), sem guarda-corpo de proteção. Respeitando essa modulação, na fachada de fundos foi mantido o ritmo constante, com 11 janelas (f14).

Uma calçada de pedra contorna o perímetro da edificação, que apresenta telhado com quatro águas e ponto alto, característico das telhas de capa e bica. O beiral é arrematado por rica cimalha em quase toda a sua extensão, com embasamento revestido por emboço e pintura de frisos. Os cunhais são em massa, com base almofadada e capitel simples (f15).

No bloco contíguo, com telhado mais baixo, situam-se as áreas de serviço. Sua base é em pedra seca e seus beirais encachorrados (f16), mesma conformação da construção anexa (f17).



12



13



14



15



16



17

A entrada principal volta-se ao vestíbulo (f17) e em suas paredes há pinturas em *trompe l'oeil* retratando figuras mitológicas (f18), que foram descobertas acidentalmente pelo proprietário.

Duas alcovas dão para o vestíbulo e, nas laterais deste, há escritório e sala de visitas (f19) comunicando-se com dois quartos. Através do *hall* chega-se à sala de jantar, (f20) voltada para os fundos juntamente com um quarto, que possui no assoalho um alçapão (f21) que dá acesso por escada de madeira ao porão. Seguindo tem-se a sala de estar (f22) com o restante dos quartos, que se distribuem voltados para a circulação (f23).



18



19



20



21



22

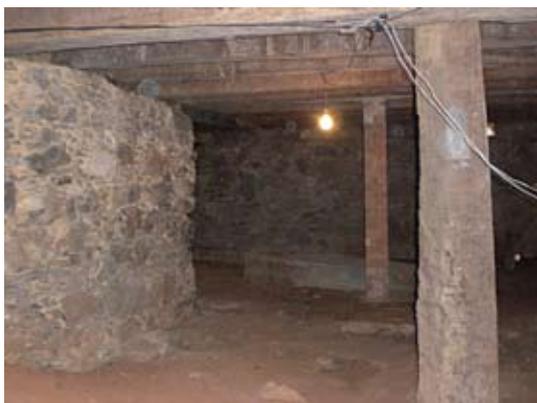


23

Internamente, todo o assoalho é em tabuado de madeira, sendo encabeirado nas salas de jantar e visitas. O forro é feito em saia e camisa, pintado de branco, com cimalha arrematando todas as paredes. As portas são em madeira com duas folhas cegas, com bandeira em caixilhos de vidro pintados de branco. Na circulação vemos o detalhe da “quebra” do madeiramento, dando uma angulação ao forro, que termina encobrendo a verga da porta. O porão com apenas um acesso pelo interior da casa, mantém obscura a sua utilização. Os contra barotes estão íntegros, entre as paredes e as maciças colunas de pedra, reforços com colunas de alvenaria, instalação elétrica aparente e piso em terra, com pedras nas laterais (f24).

No final do corredor, dois degraus levam ao espaço de serviços (f25), com a circulação unindo os banheiros (f26), copa (f27) e cozinha (f28). Todo o piso é em ladrilho e revestimento cerâmico, com a cozinha e os banheiros azulejados em meia parede.

Na edificação ao lado, o varandão é destinado ao lazer, com vão de parede em tijolo maciço, pintado de branco, piso cimentado, sem forro, com antigo madeiramento à mostra, sendo visíveis os caibros enegrecidos pela fuligem (f29) de um possível – e antigo – fogão à lenha.



24



25



26



27



28



29

Os cômodos para serviços, depósitos e banheiro, são em meia parede de pau-a-pique, com esquadrias em verga reta com folhas cegas, mantendo forros de taquarão e madeira em saia e camisa, pisos de cimento e assoalhado (f30). Contornando a edificação, calçada em pedra talhada, revelam-se vestígios da base em tijolo maciço desta antiga construção (f31), que se estendia até ao prédio de serviços, haja vista a iconografia do século XIX (f32). Completando o conjunto, um lajeado de pedra avança até ao tanque em pedra lavrada (f33), protegido pela garagem com cobertura de telhas cerâmica.

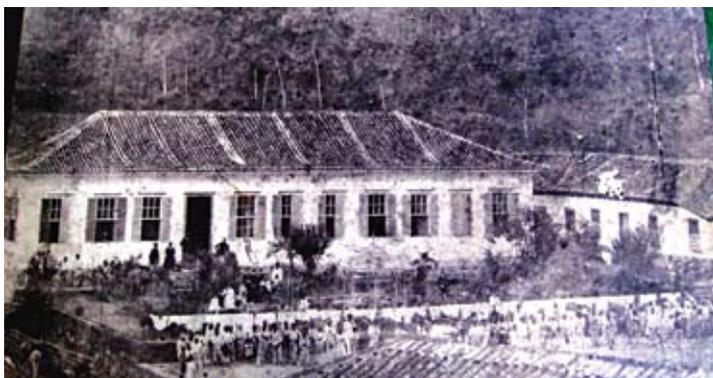
A singela capelinha apresenta telhado em duas águas, coberto com telhas capa e bica e pequena platibanda arrematada por frontão triangular. Encimando a porta de entrada – em verga reta com esquadria cega em madeira pintada em azul – há óculo circular em vidro colorido. No interior, piso em ladrilho cerâmico, forro guarda-pó em madeira do tipo saia e camisa, com altar encimado com óculo circular sem esquadria (f34 e f35).



30



31



Familia Leite Pinto e escravos diante da sede da fazenda. Século XIX. s/a. Acervo particular.

32



33



34



35

A área dos fundos comporta a piscina, além de frutíferas de mambucaba, caqui, jabuticaba, goiaba, cítricos e as especiarias de canela e louro (f36). O gramado é recortado por canaletas de pedra que conduzem a água para a “casa de banho dos escravos”, construção simples, com cobertura de capa e bica, que abriga um tanque de pedra no subsolo e uma possante ducha (f37 à f39). Mais ao fundo, pocilga desativada, com murada em pedra seca (f40).



36



37



38



39



40

O conjunto das instalações (rurais) de apoio, formado pelo curral, sala de ordenha, bezerreiro, moinho de fubá, depósitos, silos, paiol, escritório, refeitório, banheiros e o alambique (desativado), são construções sólidas, em alvenaria, com cobertura de telhas em cerâmica capa e bica (f41 á f44), interligada por caminhos em paralelepípedo e distribuindo-se pela grande área frontal e lateral esquerda ao casarão. Contornando o vasto gramado, as canaletas de pedra estão intactas (f45 e f46).



41



42



43



44

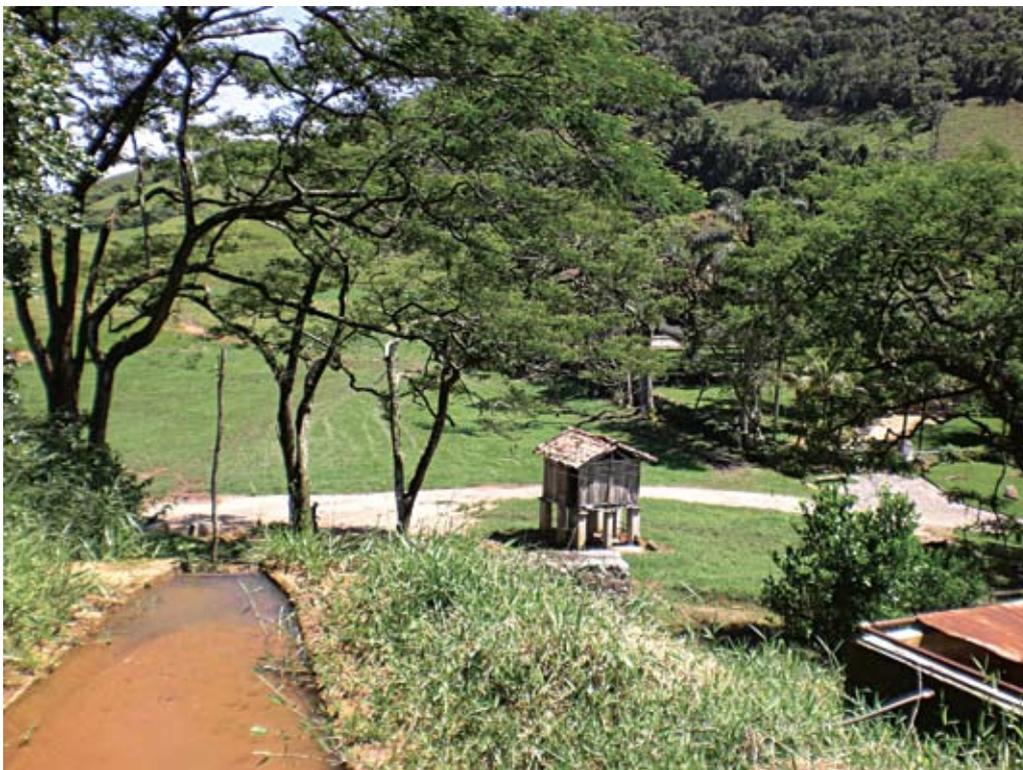


45



46

Junto ao curral e no desnível dos morrotes, os lajeados em cantaria ainda recebem as águas que outrora transportavam os grãos de café (f47). Ruínas de embasamentos em pedra de antigas construções estão presentes em toda a área (f48).



47



48

A edificação da casa-sede está muito bem conservada. Entretanto, observou-se a ação das intempéries na pintura das esquadrias (f49), algumas fissuras nas vergas e a destruição das janelas e cimalthas (f50 e f51) pelo ataque de bandos de maitacas, ficando evidente o grave problema do desequilíbrio do ecossistema na região.

No casarão, o assoalho e forro estão em bom estado, havendo nas paredes poucas trincas e sem comprometimento da estabilidade da construção (f52). Há sinais de “bacalhau” na reforma do forro da sala de jantar (f53) e nessa, e em seu vestíbulo, pode-se observar no descolamento da pintura atual, que há sinais da existência de pinturas de época, merecendo uma decapagem estratigráfica, para conhecimento e salvaguarda desse trabalho decorativo.



49



50



51



52



53

Na edificação destinada aos serviços, a construção da laje se sobrepôs aos vidros da bandeira da porta do corredor (f54). Há infiltração descendente nos banheiros, na área de transição e na cozinha, com a presença de goteiras nos pontos de luz (f55).

O telhado do bloco de serviços, com a presença de musgo (f56), demonstra retenção de águas e concentração de umidade. As paredes externas apresentam sujidade e desgaste na pintura (f57) e, em alguns trechos do embasamento, observa-se bolor e limo, provenientes de infiltração de águas pluviais (f58).



54



55



56

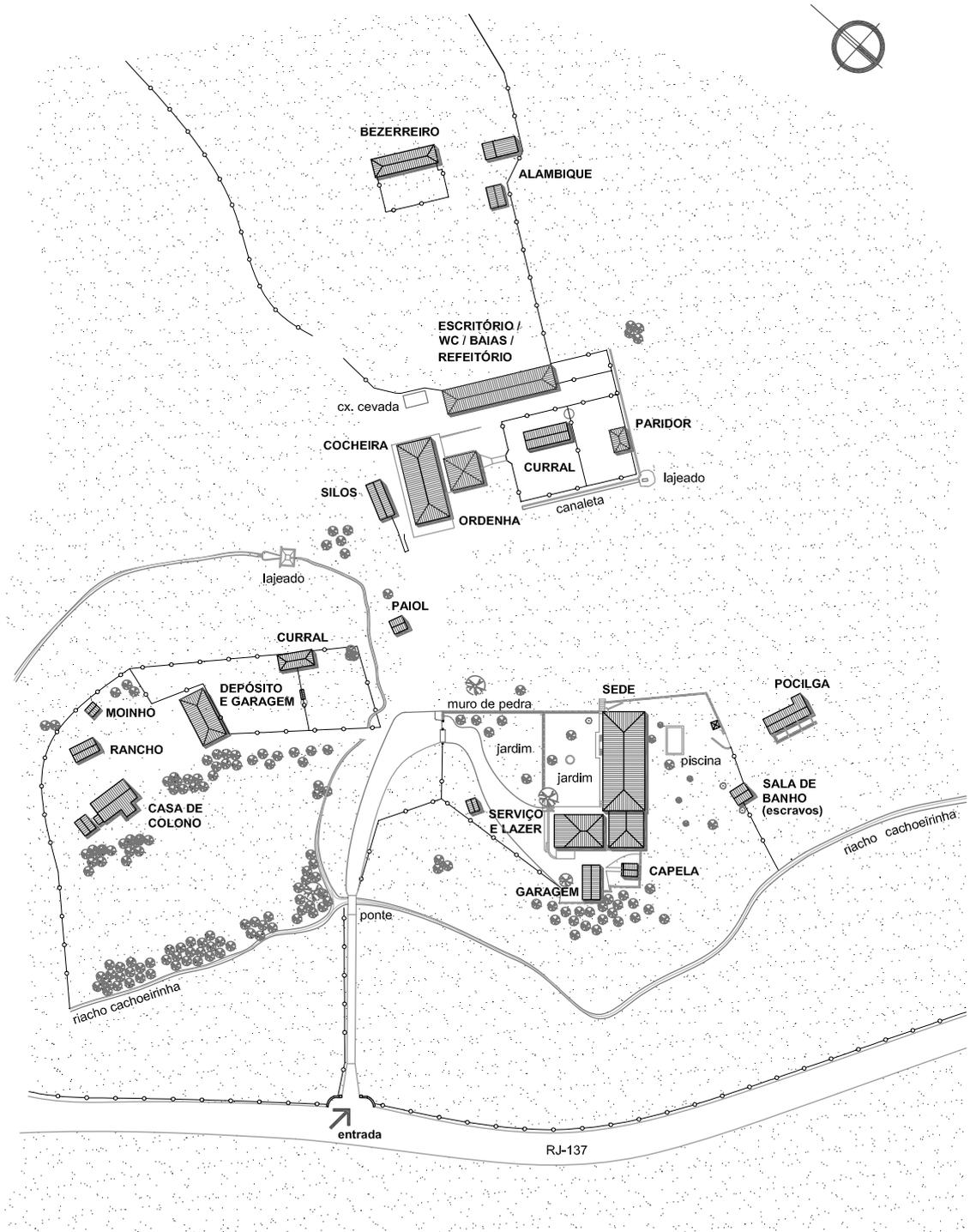


57



58

# FAZENDA DA CACHOEIRA

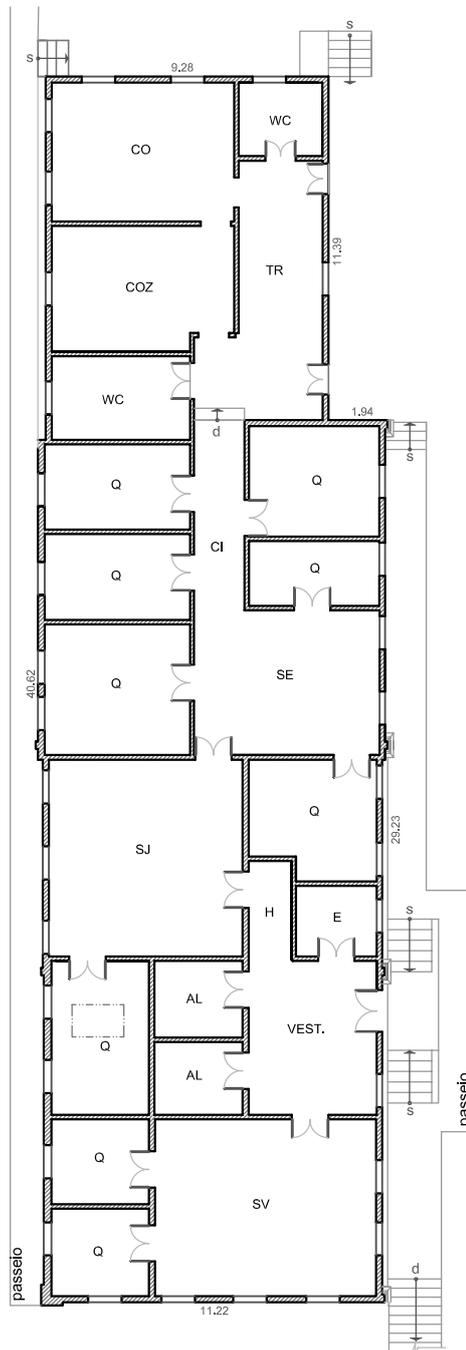


**1** Implantação  
escala: 1/2000  
0 5 10 20 50

**FAZENDA DA CACHOEIRA**

Observações:

1. A área demarcada, no quarto ao lado das alcovas, sinaliza o alçapão de acesso ao porão.



**1** Planta Baixa da Sede  
escala: 1/250



AL - alcova	CO - copa	E - escritório	Q - quarto	SJ - sala de jantar	TR - transição	WC - banheiro	alvenaria existente
CI - circulação	COZ - cozinha	H - hall	SE - sala de estar	SV - sala de visita	VEST - vestibulo	alvenaria demolida	

Localizada no vale do ribeirão Cachoeirinha, em meio às montanhas da Serra do Rio Bonito, a Fazenda da Cachoeira teve seu complexo cafeeiro construído na primeira metade do século XIX.

Inicialmente esta fazenda pertenceu ao casal João Batista Guimarães e Maria Marcelina Vicência, sesmeiros nesta região. Por dotação, coube parte da Fazenda da Cachoeira à filha Rita Leopoldina, nesta ocasião casada com Caetano Alves de Oliveira (filho), prováveis fundadores da fazenda.

D. Rita Leopoldina, depois de viúva, contraiu segundas núpcias com Joaquim Gomes Pimentel, Visconde de Pimentel, em 12 de fevereiro de 1874.

Em 15 de outubro de 1850 o casal Rita e Joaquim Gomes Pimentel vendeu a Domingos José Simas e sua mulher a Fazenda da Cachoeira, constituída nesta época de meia sesmaria de terras, cafezais, casa de vivenda, “engenho com máquinas”, senzalas e escravos.

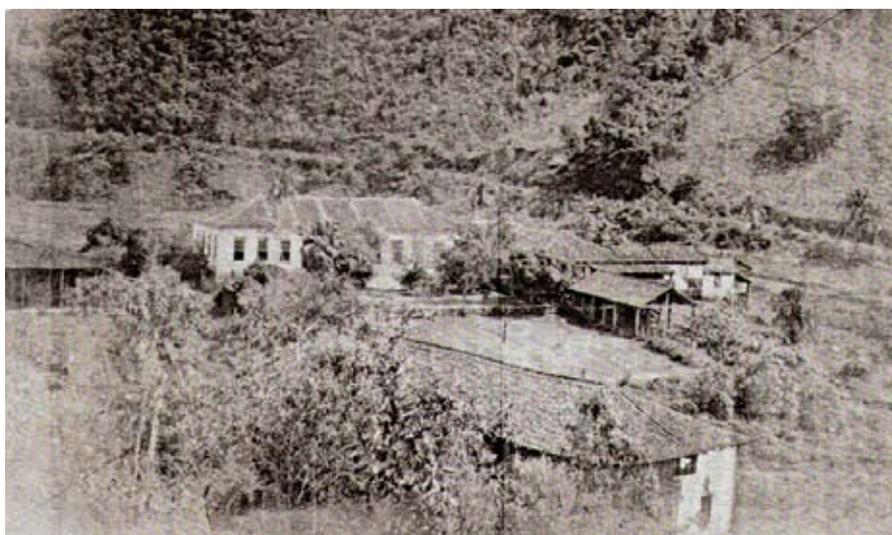
Por volta de 1860, Cachoeira foi adquirida pelo major da Guarda Nacional Antônio Leite Pinto<sup>1</sup>. Nesta época, teria funcionado apenas como “fazenda de trabalho”, e não como unidade principal, onde geralmente o senhor de engenho residia, que, no caso da família Leite Pinto, era na fazenda Morro Redondo, próxima a Valença. Tal constatação se dá em função de no ano de 1863 não constar no rol de bens desta fazenda, escravos residentes, embora possuísse senzalas. Provavelmente, era atendida pela administração da Fazenda da Forquilha, vizinha e pertencente ao mesmo proprietário, onde havia 62 escravos.

Somente após a morte do Major Antônio Leite Pinto, ocorrida em 1863, seu filho herdeiro, de igual nome, a quem coube a Cachoeira, teria de fato residido na propriedade com sua família e, por esse motivo, melhorou e ampliou suas instalações.

Pelo que consta, as ampliações da casa-sede da Fazenda da Cachoeira teriam ocorrido no ano de 1868, promovidas pelo Capitão Antônio Leite Pinto, também conhecido pela alcunha de Coronel “Tânico”<sup>2</sup>.



Fotografia panorâmica da Fazenda da Cachoeira, com a família Leite Pinto e seus escravos diante da sede da fazenda. Século XIX. s/a. Acervo particular.



fonte: NUNES, Luis Gonzaga. Os Leite Pinto. Belo Horizonte: Editora Rona, 1986

Segundo dados colhidos no inventário *post mortem* do Major Antônio Leite Pinto, a Fazenda da Cachoeira possuía, no ano de 1863, uma área de terras constituída de meia sesmaria, ou seja, pouco mais que 100 alqueires geométricos de terras; 26 mil pés de café de diversas idades; “*uma casa de vivenda arruinada com sete lances*”; um engenho de socar café; oito lances de senzalas novas; um moinho de fubá; um paiol com dois lances; uma ceva de porcos nova; uma casa de tropas e uma casa velha servindo de tulha e senzala. Para os padrões da época, esta fazenda era considerada uma propriedade de pequeno porte<sup>3</sup>.

Foi durante a administração do coronel “Tânico” que Cachoeira se tornaria uma próspera e importante fazenda de café da região da Freguesia da Santa Isabel do Rio Preto.

A Fazenda da Cachoeira era atendida pela importante Estrada Presidente Pedreira, que passava a poucos metros de sua sede. Esta importante via de acesso era mais uma das diversas estradas que ligava a Corte do Rio de Janeiro ao Sul de Minas, via Vale do Paraíba. Como foi citado acima, Cachoeira possuía uma “casa de tropas” para atender as diversas caravanas que, naquele ponto da estrada, paravam para descanso dos animais e pernoite<sup>4</sup>. Foi assim durante grande parte do século XIX até a construção da Estrada de Ferro Santa Isabel do Rio Preto, que pretendia ligar a estação de Barra do Piraí (Estrada de Ferro D. Pedro II) à Freguesia da Santa Izabel do Rio Preto. Com a inauguração da Estação Leite de Souza, em 15 de abril de 1893, Cachoeira passou a ser atendida por esta estação, embora ficasse um pouco distante dela<sup>5</sup>.

Passada a abolição da escravatura, Coronel “Tânico” passou a investir na criação de gado em sua fazenda, após tentativas infrutíferas de outras culturas.

Na partilha dos bens, após a morte do Coronel “Tânico”, ocorrida em 1917, a Fazenda da Cachoeira foi herdada por seu filho do segundo matrimônio com D. Maria Madalena Cavalcanti de Albuquerque Sobral Pinto, Floriano Sobral Leite Pinto.

Floriano Sobral Leite Pinto nasceu em 29 de março de 1890 na Fazenda da Cachoeira e casou-se em 1916 com Sarah Marini Leite Pinto. Foi advogado, tabelião do Cartório do 2º ofício e procurador da Irmandade da Santa Casa de Valença, em 1938. Fez parte da 1ª diretoria da Associação Protetora da Criança “Associação Balbina Fonseca”, em 1938 e também da Associação de Amigos de Valença, em 1945. Foi presidente da Câmara Municipal de Vereadores entre 1947 e 1950; fundador da Academia Valenciana de Letras, em 1949 e vice-provedor da Santa Casa da Misericórdia de Valença em 1950 (NUNES, 1986).

Depois de sua morte a fazenda passou a seu filho Edgard Sobral Leite Pinto<sup>6</sup>, que foi o último membro da família Leite Pinto na história da propriedade. Em 1988 Edgard Sobral Leite Pinto vendeu a Fazenda da Cachoeira a um novo proprietário.

<sup>1</sup> Antônio Leite Pinto, Major da Guarda Nacional, Comendador da Ordem da Rosa, nasceu na fazenda Morro Redondo em São João Del Rei, no ano de 1815. Casou-se em 1841 com sua prima, Maria Jesuína Leite Ribeiro, nascida em Nazareth, município de São João Del Rei, em 1825. Foi vereador na Câmara Municipal de Valença, entre os anos de 1849/56 e de 1861/63; entre os anos de 1853/60 foi provedor da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Valença.

<sup>2</sup> Antônio Leite Pinto, Coronel da Guarda Nacional, nasceu em Santa Isabel do Rio Preto em 10 de janeiro de 1843. Em dezembro de 1866 foi citado na Câmara Municipal de Valença por serviços prestados à Nação por ter contribuído financeiramente com a campanha do Brasil na guerra contra o Paraguai; entre os anos de 1883 e 1917 foi vereador na Câmara Municipal de Valença. Exerceu por 6 anos a presidência da Câmara Municipal e quatro a vice-presidência. Em 1885 propôs a iluminação pública a querosene em Santa Isabel do Rio Preto onde, entre os anos de 1887/90, foi Juiz de Paz. Intendente Municipal em 1890, aclamado presidente da Intendência em 1891, quando ofereceu os gastos feitos com melhoramentos da água potável a Santa Isabel do Rio Preto. Em 1893 obteve a patente de coronel da Guarda Nacional; propôs a construção do novo Cemitério de Santa Isabel do Rio Preto; de 1 de dezembro de 1896 a 10 de agosto de 1902 foi provedor da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Valença. Eleito 3º vice-presidente do Estado do Rio de Janeiro para o exercício de 1914/1918, tomou posse na Assembléia Legislativa, em 27 de julho de 1914, tendo falecido em 20 de novembro de 1917. Chefe político em Valença, era respeitado por seus adversários. Casou-se em primeiras núpcias com sua prima Francisca de Paula Almeida Magalhães, filha do Comendador Francisco de Paula Magalhães e Maria Carolina Leite Ribeiro Magalhães Pinto, e em segundas núpcias, com Maria Madalena Cavalcanti de Albuquerque Sobral Pinto, filha de Luiz Sobral Pinto (Alagoano) e Cândida de Albuquerque Cavalcanti Sobral Pinto. Tiveram os seguintes filhos: Maria Alexandrina Leite Pinto, Floriano Leite Pinto, Carlos Leite Pinto, Albertina Leite Pinto, Eduardo Leite Pinto, Eugenia Sobral Pinto, Francisca Leite Pinto, Maria Antonieta Leite Pinto, Eponina Leite Pinto, Elisa Leite Pinto, Oscar Leite Pinto, Antonio Leite Pinto, Cândida Rosa Leite Pinto, Floriano Sobral Leite Pinto, Luis Leite Pinto e Adriano Leite Pinto.

<sup>3</sup> Inventário do Major. Antonio Leite Pinto – 1863 / caixa 90, processo n. 856. Museu da Justiça.

<sup>4</sup> ver Inventário, Tomo I, p.67.

<sup>5</sup> Ligava a Freguesia de Santa Isabel do Rio Preto à Estrada de Ferro D. Pedro II - Estação Barra do Piraí. Em 1875 foi aprovada a lei que dava a concessão de privilégio de exploração e, em 1879, foi aprovado o Estatuto da companhia. A primeira seção da linha, Barra do Piraí-Ipiabas, foi inaugurada em 20 de outubro de 1881, e a segunda, Ipiabas-Conservatória, em 10 de novembro de 1883. A terceira e última seção, Conservatória-Santa Isabel do Rio Preto, foi inaugurada em 25 de maio de 1885, completando a extensão de 74,5 km. Em setembro de 1889, a Estrada de Ferro Santa Isabel do Rio Preto foi adquirida pela Companhia Estrada de Ferro Santana, antiga Pirahyense; meses depois as duas foram compradas pela Companhia Viação Férrea Sapucahy. Em 1893 foi feita a ligação da antiga Santa Isabel com a antiga Santana, estabelecendo-se assim a conexão entre Piraí e Bom Jardim de Minas, via Santa Rita de Jacutinga, pela Estrada de Ferro Oeste de Minas. Tempos depois a Sapucaí foi adquirida pela Rede Mineira de Viação, constituindo, nos anos de 1950, a ferrovia mais extensa do Brasil.

<sup>6</sup> Edgard Sobral Leite Pinto nasceu no Rio de Janeiro em 1919. Casou-se com Yeda Vitagliano, com quem teve três filhos, Cláudia, Jorge e Paulo.